

# UM DEBATE SOBRE EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA

por **Carlos Baqueiro**

De que nos serviria uma Educação Anarquista numa sociedade ainda capitalista ?

Poderíamos simplificar e reduzir a duas respostas. Uma delas diria que muito pouco, a outra é sua antítese. No primeiro caso se considera que a dificuldade de se colocar a pedagogia libertária em prática seria tanta, e tantas seriam as pressões, dentro de uma sociedade capitalista que as forças que a desejassem se retrairiam e se daria continuidade ao processo comum de educação. Isto é, um processo autogestionário parcial não conseguiria sobreviver às forças culturais que carrega o homem, acostumado ao cotidiano infestado de autoritarismo. Como frisa Sílvio Gallo:

**"De antemão, concordamos com o filósofo e educador espanhol Carlos Díaz, quando afirma que a autogestão, no contexto do capitalismo, é impossível. Como gerir diretamente uma escola, um condomínio, uma fábrica, quando a própria essência da sociedade é a heterogestão? Como afirmávamos anteriormente que a democratização do ensino público encontra limites muito estreitos quando realmente começa a fazer frente ao poder do Estado, podemos também afirmar que a autogestão no capitalismo encontra limites extremamente rígidos, que impedem a sua verdadeira realização"(i).**

É uma discussão antiga dentro dos debates entre anarquistas. Em todas as áreas de atuação dos anarquistas. Havia aqueles que se negavam a participar dos sindicatos temendo que ali dentro os próprios trabalhadores se transformassem em defensores do capitalismo, ou se não defensores, passivos perante ele, e isso se tornou uma realidade.

E então, esperar por uma Revolução Social? Para, assim, por em prática as idéias de Bakunin, Robin, Mella, etc?

Muita gente acha que podemos fazer uma Revolução com os instrumentos e mecanismos capitalistas ainda funcionando. E daí destruí-los (em uma espécie de transição).

Foi assim com o caso de amor entre Lênin e o taylorismo, entre outras coisas, na Rússia de 1917. O próprio Lenin o defendia como instrumento neutro e necessário ao crescimento do comunismo. Deve haver muita gente por aí, ainda hoje, querendo o mais breve possível uma Revolução. E então se manteria a mesma forma autoritária da educação atual no intuito de controle social, ou melhor dizendo, manter as rédeas sobre o povo. Mas esta não deve ser a intenção da maioria dos anarquistas, espero eu.

Mas é possível perceber que Silvio Gallo não está tão convencido daquilo que disse anteriormente, pois em outro texto seu afirma o contrário do primeiro.

Para ele o tipo de educação defendida pelos anarquistas dentro do sistema capitalista deve instrumentalizar a luta pelo desmantelamento dos mecanismos de poder, se situando junto a pós-estruturalistas como Foucault. **"Trata-se de dissolver o poder, de pulverizá-lo por toda a sociedade; quando o poder estiver totalmente diluído, quando cada indivíduo detiver a mesma parcela de poder que qualquer um dos outros indivíduos, o poder deixará de existir, pois é um conceito que só adquire sentido na desigualdade, quando está concentrado em alguns poucos que, através dele, dominam outros tantos. A construção da liberdade significa, pois, a completa dissolução do poder, e seu conseqüente desaparecimento"**(ii).

E o poder e a doutrinação ideológica estão, também, no cotidiano. E é este cotidiano que precisamos analisar. E modificar a partir do momento em que se percebe o que está errado.

O que está errado no cotidiano da relação entre professores e educandos?

**"Que vemos? Rostos com expressões endurecidas; olhares que se impõem do alto e não escondem a impaciência com o riso e a aversão a tudo que é lúdico; mãos ávidas em pôr em evidência o erro sobre o traço vermelho, rabiscado não sem forte dose de irritação; corpos enrijecidos, de postura quase militar, (a dar exemplo de ordem e disciplina; falas lacônicas, em tonalidade severa, a anunciar a autoridade e a esconder a pessoa do professor. Tudo em nome do rigor das formas, do respeito aos prazos, da obediência aos passos e pré-requisitos!"**(iii).

É a este tipo de comportamento, principalmente por parte dos educadores, que precisamos transformar.

Se pensando ou não numa futura Revolução Social, é problema de cada um. Quando nos juntarmos com outros para tentarmos mudar este estado de coisa na educação, nem todos devem estar pensando em uma possível Revolução futura. E devemos ser transparentes nisso, uns com os outros. Todos devem conhecer pelo que o outro está lutando.

É obvio que nós, anarquistas, desejamos a mudança de toda a sociedade, e por isto acreditamos que a pedagogia libertária trabalha para isso. Mesmo não sendo anarquistas muitos dos educadores estão aceitando os caminhos da liberdade e da solidariedade. E é com estes que devemos contar. Afinal de contas o que todos queremos é um final feliz, se não for possível para toda a humanidade, para nós e os que estão mais próximos a nós. Os que podem nos dar e recebem nosso respeito.

**"Não fiquem pensando no amanhã, se não sabem se ainda estarão vivos nesse dia. Tenho horror dessas educações que preparam para a vida. O preparar para a vida parece profetizar que ela só vai começar daqui a dez ou vinte anos quando terminar a faculdade.**

**A vida é hoje. Hoje é o momento de alegria. A felicidade tem de ser hoje.**

**Se a escola não for um lugar de alegria e felicidade, ela merece ser destruída, porque a coisa mais importante, a única que vale a pena nesta vida é a felicidade. A educação, portanto, deve ser também voltada para ela"(iv).**

Núcleo de Ação Direta Anarquista  
carlo27@hotmail.com  
Caixa Postal 053  
CEP 40001-970  
Salvador - Bahia  
Dezembro de 1999

1 GALLO, Sílvio. Educação Anarquista. Edt. Unimep. 1995. Pag 213.

2 GALLO, Sílvio. Pedagogia do Risco. Papyrus Edit. 1995. Pag 166

3 ROSA, Sanny S. da. Construtivismo e Mudança. Cortez Edt. 1994. Pag 21

4 MARTINS, Neda Lian Branco. Em Busca da Escola Ideal. Edt. Escuta. Pag 22